

UMA APREENSÃO DO UNIVERSO FICCIONAL DE FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

MARIA FILOMENA SOUZA ESPÍNDOLA*

O contato com o universo ficcional de Flávio José Cardoso, integrado por *Singradura*, *Zélica e outros* e *Água do pote*, nos transfere dimensões humanas, interpretando atitudes que se dizem como vontade de vida, como força pela qual se constrói uma lúcida e serena convivência com o cotidiano.

Na apresentação que a Editora Globo faz de *Singradura*, em notas de orelha, é reconhecida essa dimensão humana pela qual o valor da obra se configura, permitindo-nos apreendê-la como expressão artística veiculadora de atitudes existenciais. Isto se confirma, ainda, em *Zélica e outros*, de vez que aí, também, a mesma fidelidade ao homem da ilha, cujo viver obscuro e teimoso é recriado em forma de contos, se faz uma constante.

Lembramos, aqui, posição do Professor Celestino Sachet, conduzindo-nos a uma visão dos personagens integrantes dos contos de Flávio José Cardozo, que as configura intérpretes de conflitos destituídos de heróicidade, mas que se presentificam no cotidiano, gerando um contexto fundamentalmente trágico onde o Homem, fragmentado, necessita da aprendizagem do seu pequeno mundo, pela qual se construa a força capaz de garantir-lhe a preservação da essencialidade do ser.

*Mestre em Letras - UFSC.

Professora de Literatura Brasileira na FESSC - Tubarão.

Estes contos, semeados alguns deles de uma certa jocosidade, constroem-se no seu todo, como detentores de um conteúdo mítico subjacente e que vai reconduzir-nos, não raro, ao perfil do homem de raízes portuguesas dividido, segundo Massaud Moisés, entre o apego à terra e o direcionamento para o mar, marcado por códigos de vida que se impõem como rituais.

Dessa forma, o universo ficcional, nos contos de Flávio José Cardozo, se nos afigura como uma jornada da terra para o mar. Em **Singradura**, este roteiro se introduz na casa do banjoísta, onde Marialva, sugestão de auroras no nome, não pode, entretanto, desligar-se da noite e instaura a tragédia que perpassa cada uma das narrativas, até o último conto onde Marília, pela inconsciência do cotidiano, supera o conflito e reconquista a essencialidade do ser, reintegrada ao mar. Em **Zélica e outros**, a mesma jornada da terra para o mar se cumpre, introduzida pela explosão de vida do menino que nasce, na convulsão do primeiro conto, e que, caminhando conflitos, será retorno, também, à essencialidade, à reintegração ao mar, cumprindo-se na imagem fugaz do desconhecido pelo qual se toca a solidão de Malvina Queluz.

Afirmar o conteúdo trágico dos contos de Flávio José Cardozo é reconhecer, conseqüentemente, neste universo ficcional os princípios da atitude trágica que se traduzem como sendo gesto de quem assume a existência, numa aprendizagem gerado do desejar a vida, mercê das conturbações e esfacelamentos. Ainda, a atitude trágica se ergue como um alerta, como condenação dos processos pelos quais o homem é reduzido a uma liberdade inferior.

Entretanto, embora a tragédia emergente dos contos se anuncie como denúncia das mutilações sociais, não se intui, neste escritor catarinense, o objetivo explícito de denunciar ou condenar estruturas sociais injustas. Nem por isso, no entanto, a contestação deixa de acontecer, enunciando-se vigorosamente por uma elaboração artística que, aglutinando processos formais e conteúdo, se instaura, diagnosticando a reificação pela qual se fragmentam os homens.

Abranger o universo ficcional de Flávio José Cardozo como diagnóstico, como chamada de atenção para contextos opresso-

res é reconhecer esta criação artística como elemento de transformação social, exatamente pela denúncia veiculada.

É assim, como denúncia, que se ergue a preta e velha Isolina, personagem do conto "Ti Orquídea", do livro **Singradura**. "Lavadeira anônima", configura o aniquilamento do ser humano marcado pela cor, pela pobreza e pela humildade da tarefa que executa.

Mas toda esta condição de inferioridade a que é relegada tua como impulso à busca desesperada da essencialidade do ser. A personagem concentra uma profunda lucidez e, exatamente quando a embriaga o apelido "Ti Orquídea", é que se acentua a ânsia de primordialidade. A atitude trágica, segundo a compreendem Nietzsche, Sartre e Lesky, é vivenciada por Isolina. Isto porque esta personagem veicula a consciência do absurdo de existir num mundo contingente, experimenta a embriaguez de desencilhar-se de um contexto de opressões, conhece a náusea de saber-se retornada ao cotidiano, mas conquista a sabedoria da dor e é com dignidade que sofre a experiência do aniquilamento.

Em Uliano Torres, de curto porém vistoso reinado, de Zélica e outros, a personagem Uliano Torres conhece, também, a experiência do aniquilamento, interpretando o número infinito de criaturas humanas inexoravelmente condenadas à inferioridade de uma sociedade consumista.

O conto "Singradura", último dos que integram a obra Singradura, engendra uma tragédia que se projeta no conflito embriaguez de Marília à espera do príncipe que vem do mar X amor que Pedro lhe consagra. Daí resulta o aniquilamento físico de Marília, pela morte, estabelecendo-se, no entanto, a reintegração desta personagem à primordialidade do ser, quando o mar se abre para recebê-la.

A loucura de Marília é o estado de superação do mundo contingente, refúgio ameaçado, sem trégua, pelas solicitações do grupo humano a que pertence e enunciadas, basicamente, pela paixão de Pedro.

E assim, em todos os contos de **Singradura** e de **Zélica e outros**, flui a essência da atitude trágica, apreendida como experiências de vida assim formuladas:

- O ser humano é dividido entre o Bem e o Mal, repetin-

do-se a imagem de "Dionísio fragmentado pelos Titãs", num doloroso processo de individuação.

- Mas o homem pode superar a individuação, no momento em que mergulhar na embriaguez da eterna volúpia do existir. Dominado pela letargia, inconsciente do cotidiano e das fronteiras da existência, tendo perdido a memória da fala e do andar, ele é a energia da natureza.

- Recuperada, porém, a consciência do cotidiano, o homem sofre o estranhamento da vida, e a lucidez do conhecer gera a náusea ante o absurdo da existência humana, condenada a um universo contingente.

- O estado de nojo ante o absurdo de ser, porém, é superado pela aprendizagem da dor, caminho através do qual a criatura humana conquista a serena tranqüilidade em face da destruição, um estado que lhe possibilita a restauração da unidade primordial e onde o homem se constrói na grandeza do dizer sim à vida, a despeito de todas as castrações impostas pela contingência do mundo.

Água do pote, volume de crônicas, projeta recortes do dia-a-dia, num tom alegre e descontraído que não impede, entretanto, a percepção do essencial velado por situações de extrema simplicidade.

E o essencial, aqui, vem, freqüentemente, como sugestão de que ainda se pode descobrir a ternura, na convivência com o cotidiano.

Como **Singradura** e **Zélica e outros**, este volume de crônicas constrói um universo ficcional onde a vontade de vida instaura a aprendizagem do caminho que reconduz a criatura humana à essencialidade do ser.